

## O Brasil de Émile Adet: entre a propaganda, o relato de viagem e o teatro

Charles Roberto Silva  
Universidade de São Paulo

Carlos Emílio Adet [Charles Émile Adet] (1818 – 1867) nasceu em Paris. Quando chegou com a família ao Brasil, contava com nove anos de idade. No período escolar retornou à cidade natal para a conclusão dos estudos. Ao regressar ao Rio de Janeiro, naturalizou-se cidadão brasileiro. Foi membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiros (IHGB), do Conservatório Dramático Brasileiro e da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Participou das redações do *Jornal do Comércio*, além de escrever para a *Revista Minerva Brasiliense*. Entre 1845 e 1851, viveu em Paris e passou a colaborar com a *Revue des Deux Mondes*. Nesse período, foi correspondente dos jornais *Correio Mercantil* e *Gazeta do Rio de Janeiro*. Na década de 1860, tornou-se diretor do *Jornal do Comércio* (Silva, 1870: 34). No Rio de Janeiro dedicou-se, também, ao ensino da história das línguas francesa e grega, ao estudo da literatura e do teatro francês. Publicou biografias de autores franceses, entre elas a de Jules Janin, escritor, dramaturgo e crítico literário e da poeta Clara Mollart (Kerbaudy, 2008: 139).

Apresentada a trajetória do nosso personagem, ressalta-se que o principal objetivo deste artigo é analisar historicamente *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850*, a partir do enfoque do relato de viagem e do discurso propagandístico presentes na obra. Escrito por Émile Adet, no final da década de 1840, o texto foi publicado na França e um dos seus propósitos era apresentar o Brasil como um país viável à migração de franceses para o continente americano.

Com pouco mais de vinte páginas, *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850* foi publicado pelo periódico parisiense *Revue des Deux Mondes*, em 15 de março de 1851. A partir de uma leitura mais cuidadosa da obra, repara-se que o texto foi composto pelo entrecruzamento do relato de viagem e com um discurso de caráter propagandístico.

A narrativa de Émile Adet para a *Revue des Deux Mondes* tinha o Brasil como o principal personagem e apresentava em muitas das suas passagens semelhanças com os relatos da literatura dos viajantes que estiveram no território brasileiro entre os séculos XVI e XIX. O estilo narrativo nos coloca diante de um gênero que ganhou visibilidade para o público na Europa, principalmente no século XVIII. Conforme Junqueira (2011: 52) “o fato de o relato de viagem se tornar lucrativo e

despertar interesse de um público amplo fez com que os profissionais da escrita (hoje os *ghostwriters*) lançassem mão de recursos discursivos para capturar a atenção do leitor”. É importante destacar que, no Brasil, a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1837, “ligado à oligarquia local, associada financeira e intelectualmente a um ‘monarca ilustrado’ e centralizador” (Schwarcz, 1993:24), teve um papel destacado tanto na apropriação da literatura de viagem como serviu como fonte à criação da história oficial da nação quanto para a sua difusão na exígua esfera de leitores que havia no país.

*L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850* começava com apontamentos bastantes genéricos sobre o país. Na descrição ligada à geografia das regiões brasileiras, nota-se que faltava ao autor o trabalho de campo. Nesse aspecto, Émile Adet fora muito mais um leitor dos cronistas do que um viajante que saíra em missão exploratória pelo Brasil. Outro dado interessante do retrato do Brasil criado pelo autor se refere à composição da população do país; de acordo com os apontamentos de Adet, tal população era formada por “*les étrangers, les esclaves et les indiens*” (Adet, 1851:1803). Denota que os debates dos membros do IHGB à época, envolvidos com a questão da mistura das raças, permanecia como um tema aberto.

Com o cenário estabelecido, nota-se que a escrita de E. Adet, ao tratar de assuntos como a administração política do país, as questões econômicas e jurídicas e dos membros da elite letrada da corte, bem como da nova elite de proprietários partia para uma descrição mais minuciosa. O estilo da literatura de viagem que marcava as primeiras páginas da obra, pouco a pouco, dava espaço para uma narrativa com estilo mais propagandístico. Em torno das descrições detalhadas percebe-se que Adet assumia um papel de agente de difusão entre dois mundos, por um lado procurava divulgar o Brasil na França e por outro buscava apontar as contribuições que a presença de franceses ofereceria à antiga colônia portuguesa.

A escrita propagandística de Adet procurava atender a demandas. Por trás das notícias sobre o gigantismo do território brasileiro, o cotidiano do Rio Janeiro e seus expedientes, assim como os grupos sociais mais destacados da terra, havia a intenção do autor em apresentar o “*jeune empire*”, expressão utilizada em abundância ao longo do texto, como um polo atraente para a imigração dos europeus de origem francesa para os trópicos. De acordo com as considerações de E. Adet (1851: 1108) “Le Brésil a été le théâtre de nombreux essais de colonisation; presque tous malheureusement, ont échoué [...] On le voit, le Brésil serait un excellent terrain pour l'émigration européenne”.

Nessas descrições cheias de detalhes interessantíssimos, na qual Adet prospectava o estabelecimento de laços entre a França e o Brasil, registrava-se a consolidação do governo de Pedro II, no final da década de 1840. De acordo com Carvalho (2012: 97) “eliminadas as revoltas,

consolidado o regime, o governo sentiu-se em condições de enfrentar alguns problemas urgentes na área social, econômica e política externa”. O autor chegava a apontar o Brasil, após os EUA, como o país com a maior estabilidade política no continente americano.

Percebe-se que o franco-brasileiro estava tomado por uma dose de entusiasmos em relação às medidas adotadas pelo governo brasileiro a partir de 1850, dentre elas, a extinção definitiva do tráfico internacional de escravos através Lei Eusébio de Queirós, a aprovação da Lei de Terras “que buscou regularizar a questão fundiária em geral, mas cujo objetivo, na ótica do governo, era permitir a utilização e a venda de terras públicas para obter os recursos necessários à implantação de políticas para atrair colonos europeus.” (Chalhoub, 2012:38) e a promulgação do Código Comercial que representou a regulação das atividades comerciais no país. De acordo com Paula (2012:197), “em conjunto, o marco inicial do processo de constituição das relações mercantis especificamente capitalistas, isto é, a transformação da terra e da força de trabalho em mercadorias”.

Embora entusiasta daquelas medidas cujos efeitos seriam sentidos a longo prazo, Émile Adet atentava aos seus leitores para a pouca eficácia do governo brasileiro quanto a abolição definitiva do trabalho escravo no país. Indicava, ainda, que a permanência deste tipo de mão obra dificultaria o estabelecimento de um fluxo de franceses para o Brasil e ao mesmo tempo apontava que a solução de tal questão caberia à classe de novos proprietários, vista pelo autor como mais ilustrada e como a mais apta, se não a única, a conseguir inserir o jovem império nas tramas de um projeto de progresso e de civilização. Émile Adet deixa ver que acreditava na constituição de uma burguesia brasileira tal qual a francesa e mostrava, também, que era um signatário do ideário das luzes e do seu projeto civilizatório:

La génération nouvelle des propriétaires brésiliens est instruite; la plupart des planteurs ont fait leurs études en France, en Allemagne, en Angleterre ou au Portugal. C'est dans leur influence surtout que l'émigration doit chercher un appui, c'est à elle qu'on doit déjà l'amélioration du sort des nègres au Brésil; les premiers propriétaires d'esclaves étaient généralement des hommes ignorants; ceux d'aujourd'hui, qui ont puisé l'instruction aux sources européennes, ont dans le coeur des principes d'humanité; ils comprennent l'esclavage brésilien comme une provisoire et malheureuse nécessité, qu'il faudra chercher tôt ou tard à remplacer par des institutions libérales et philanthropiques. L'émigration européenne rencontrerait dans cette classe éclairée de la population brésilienne un utile et sincère concours. (1851: 1103)

É importante não perder de vista que, o empenho de Émile Adet, em *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850*, para estabelecer uma propaganda favorável ao Brasil na França, no final da década 1840, se apropriava de debates de ideias que estavam em destaque nas duas nações, de um lado, a francesa, com uma política expansionista já alinhavada, com interesses “ligados à emigração e ao desenvolvimento dos negócios da burguesia comercial” (Silva, 2001) e do outro, a

brasileira, com o estabelecimento de políticas imigratórias, a busca de novas parceiras comerciais para além da inglesa e o projeto de conseguir se equiparar às nações europeias mais cosmopolitas. Émile Adet esteve em Paris entre os anos de 1845 e 1851. Pouco se sabe da trajetória do autor nesse período. *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850* foi um texto produzido na França com claro objetivo de destacar o Brasil como polo de atração às pretensões do Estado francês na época. É possível inferir que grande parte da narrativa, tratando das medidas tomadas na primeira década da vigência do Segundo Império, era alimentada por trocas de correspondências entre Paris e Rio de Janeiro. No entanto, dada a falta de documentos até o momento, é impossível saber quem eram os remetentes brasileiros. Não se descarta a hipótese de que Adet, tal como ocorrera com outros representantes da confraria dos *homens de letras*, ligados ao IHGB e ao Colégio Pedro II, tenha sido financiado pelo governo brasileiro no estrangeiro. No caso do franco-brasileiro, a missão seria propagar o reinado de D. Pedro II.

A rede de sociabilidade que Adet estabeleceu na fase parisiense envolvia agentes com algum conhecimento da gramática do poder local. Vale lembrar que a *Revue des Deux Mondes*, onde *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850* havia sido publicado, foi importante aliada para o projeto do Estado francês de expansão da cultura francesa nos cinco cantos do mundo, principalmente durante o reinado de Luís Filipe I (1830-1848). Na perspectiva dos seus editores, a missão da revista seria propagar o aperfeiçoamento da sociedade a partir do progresso e da razão, contribuir para o aprofundamento do conhecimento de métodos de administração e investigar a história dos povos não franceses e seus costumes.

Outro aspecto a ser destacado em *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850*, conforme exposto anteriormente, foi a utilização estratégica do depoimento de viagem na tese em que Adet defendia em relação à presença de franceses no Brasil. Fora a perceptível utilização dos relatos dos cronistas de períodos anteriores para as descrições da paisagem brasileira, o escritor, no esforço de oferecer aos leitores franceses uma representação do que seria a vida urbana nos trópicos, estabelecia uma relação comparativa entre Paris e Rio de Janeiro. Neste aspecto, Adet criava o seu próprio repertório de viagem, orientado pela vivência que tivera na Corte até o ano de 1845. Tratava-se, portanto, de uma narrativa tecida pela memória:

Jeanine Potelet, em seu livro *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français*, obra publicada na década de 1990 e a primeira a apresentar um estudo profundo sobre as representações do Brasil na França a partir das anotações de viagens, constata que a natureza do território brasileiro ocupou um lugar de destaque nos relatos dos viajantes franceses, com desdobramentos no imaginário. No caso de Adet, não foi diferente. Na visão do escritor, a paisagem carioca era grandiosa, amenizando a arquitetura pesada da cidade e medíocre do ponto de vista artístico. O autor apontava ainda para as numerosas igrejas que existiam na capital do Brasil,

indicando a carência de outras instituições, e para os rituais de sociabilidade da população marcados pelas missas e pelo calendário religioso.

C'est à Rio de Janeiro qu'on peut surtout observer les Brésiliens dans leur vie privée comme dans leur vie publique. Rio de Janeiro compte aujourd'hui près de deux cent cinquante mille habitans. À l'extérieur, la capitale du Brésil est une ville d'assez majestueuse apparence, bien que d'architecture un peu lourde. Les églises, en assez grand nombre, n'affectent pas, comme la plupart de celles d'Amérique, les gracieuses formes de la renaissance c'est le style borrominesque, — c'est-à-dire le style des plus mauvais temps de la décadence italienne, — qui les marque presque toutes de sa froide et prétentieuse empreinte. En somme, les édifices de Rio n'offrent, au point de vue de l'art, qu'un médiocre intérêt. Quant aux environs de la ville, à part quelques sites pittoresques et les gracieux paysages des îles de la baie, ce n'est point là que se révèle dans toute sa grandeur la nature brésilienne. Après quelques jours d'excursions, l'étranger en sait autant sur les curiosités de la capitale de l'empire que les habitans eux-mêmes, et son attention se détourne alors bien vite des objets extérieurs pour se reporter sur la population. Une société qui se forme à la vie publique, qui travaille courageusement à concilier ses anciennes mœurs avec des institutions nouvelles; c'est toujours un curieux spectacle, mais qui sur ce sol vierge emprunte comme un prestige de plus au charme singulier des lieux et du climat. (Adet, 1851 : 1084)

O registro da vida teatral da Corte era outro ponto de destaque no trabalho de Émile Adet. Para o autor, a vida teatral era praticamente inexistente em comparação com aquela de Paris. A cena teatral era dominada por companhias portuguesas e composta por repertórios de comédias grosseiras, tragédias monótonas e melodramas de origem francesa traduzidos para o português. Para ele, apenas o ator João Caetano destacava-se nesse ambiente de produções tristes e alheias ao gosto estrangeiro:

Après avoir observé la vie brésilienne dans les églises, qu'on ne la cherche pas au théâtre ni dans les bals publics. Les bals, peu nombreux, sont généralement mal hantés. Les soirées, plus ou moins cérémonieuses, n'offrent ni l'entrain ni le piquant de nos soirées parisiennes. Quant aux divers théâtres de Rio, si les brésiliens et les Portugais peuvent se plaire aux grossières farces et aux tragédies monotones importées de rive du Tage, les étrangers ne sauraient partager leur goût, ni se soucier beaucoup des vaudevilles ou de mélodrames traduits du français qui défraient aujourd'hui la scène brésilienne. Ces tristes productions, si l'on excepte un acteurs d'un talent remarquable, M. João Caetano sont confiées d'ailleurs à de ridicules interprètes qui violent à plaiser tout les règles de goût et de l'art. Ce ne sont point là le plaisirs préférés de brésiliens. Après la vie de famille surtout qui les réunit: c'est autour de l'autel ou du foyer qu'il faut les voir. (Adet, 1851: 1083)

O olhar de Émile Adet em relação ao teatro do Rio de Janeiro reproduzia algumas impressões que o autor expressara, em 1844, no texto *Da Arte dramática no Brasil*, publicado na *Revista Minerva Brasiliense*. No artigo, o escritor chamava a atenção do jovem imperador Pedro II para a situação da arte dramática na capital do Império. Dentre as situações que julgava problemáticas estavam: a pouca circulação de textos de autores nacionais, o excesso de traduções de

qualidade duvidosa e as muitas solicitações referentes aos efeitos que uma peça deveria exercer sobre os espectadores como garantia de investimento para sua permanência no palco.

No texto *Da Arte dramática no Brasil*, escrito no contexto das Revoltas Regenciais cuja possibilidade de fragmentação política do território brasileiro se tornou bastante tangível, a questão fundamental era apresentar o teatro como uma das instituições que poderia ser útil para a política de consolidação do II Império, assim como, para o fortalecimento do discurso do estado-nação. Em *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850*, Adet, além de retratar os ritos de sociabilidade da Corte, retomava praticamente os mesmos apontamentos que constataria no início da década de 1840 em relação à cena teatral. Permanecia, evidenciando o registro da ineficiência do governo brasileiro no trato da questão teatral e a crença que o autor tinha na função civilizadora do teatro, conforme a tradição do pensamento iluminista.

Quer nos parecer que, por trás dos apontamentos feitos, Émile Adet em *Da Arte dramática no Brasil* e em *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850*, em relação a precariedade do ambiente cênico do Rio de Janeiro, havia a defesa de um projeto de poder que vislumbrava a associação entre o Teatro e o Estado. Nesta união, caberia aos *homens de letras* instruir o Governo quanto às medidas a serem adotadas para o melhoramento tanto da cena e da dramaturgia quanto à definição do regime de financiamento de tal arte. É importante ressaltar que a perspectiva de Adet, na intersecção Teatro-Estado, se alterou ao longo da década de 1840. Se em *Da Arte dramática no Brasil* o escritor apontava para o teatro como uma das instituições a ser arregimentada para a consolidação do discurso do estado-nação, em *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850*, o escritor buscava insistir no papel civilizador do teatro para um país que começara a adotar, após a pacificação da política interna, medidas mais efetivas rumo ao discurso de progresso da época.

É digno de registrar que as ideias divulgadas por Émile Adet em relação ao teatro eram partilhadas por outros agentes ligados à confraria dos homens de letras da Corte. Quanto ao perfil deste grupo, alguns deles fizeram estudos na Europa; tinham ascendência sobre a “esfera pública”<sup>1</sup>, que se organizou no país a partir do processo de independência. Sabe-se que escreviam para os jornais de circulação diária do Rio de Janeiro; editavam e publicavam textos para periódicos especializados ligados às ciências, às artes e à literatura; eram signatários de instituições semelhantes àquelas nascidas na Europa que procuravam investigar os campos da história, da geografia e das outras ciências com finalidade de produção de conhecimento sobre o Brasil; tinham também proximidade com um dos dois partidos que ordenavam a vida legislativa da nação, além da associação de alguns deles com lojas maçônicas estabelecidas na capital do Brasil.

---

1 O conceito de *esfera pública*, elaborado por Jürgen Habermas, no livro *Mudança estrutural da esfera pública*, lançado em 1962, apresenta o termo como uma zona para o discurso onde ideias podem ser exploradas e uma visão pública pode ser expressa.

Na rede de relações que Émile Adet estabeleceu na Corte circularam, por exemplo, Manuel Araújo Porto Alegre, futuro barão de Santo Ângelo, figura de proa do movimento romântico brasileiro, ligado à França pela relação estabelecida com Debret, já que fora aluno do pintor na Escola de Belas Artes de Paris. Foi Membro do Instituto Histórico de Paris (*Institut Historique*), participou ativamente da criação das revistas *Minerva Brasiliense*, *Niteroy* e *Guanabara*, periódicos que tiveram como tema o Brasil; Francisco de Sales Torres Homem, futuro Visconde de Inhomirim, foi redator da *Revista Nitheroy* e *Revista Minerva Brasiliense*; senador imperial, sócio do Instituto Histórico de Paris e colaborador da *Revue des Deux Mondes*; José Justiniano da Rocha, editor da revista *Minerva Brasiliense*, crítico de teatro do *Jornal do Comércio* e político vinculado ao Partido Conservador.

Avaliando a perspectiva de Émile Adet e da geração de escritores com atuação na imprensa da Corte que fomentaram o debate, a partir da década de 1840, sobre a imperativa necessidade do Governo estabelecer uma política para a organização e subvenção do teatro no Brasil, pode-se dizer que o grande paradigma que orientava a relação entre Teatro e Estado defendida por aquele grupo era a *Comédie-Française*, organizada durante o reinado de Luís XIV. Atualmente, pesquisadores franceses como Jean-Claude Yon, Nicole Bernard Duquet e Rahul Markovits, por meio da História Cultural, indicam que as representações do Grand Siècle, no século XIX, estava atrelada ao projeto de hegemonia cultural arquitetado e propagado pelo Estado francês ao longo do XIX. Tal política foi amplamente explorada durante a vigência do I Império (1804 – 1815); da Monarquia de Julho (1830 – 1848) e do II Império (1852 – 1870). Vale ressaltar, ainda, que a *Revue des Deux Mondes* foi um importante veículo para a divulgação de instituições francesas no Brasil, entre elas *Comédie-Française*.

Comparando a perspectiva que Adet tinha sobre o teatro brasileiro ao longo da década de 1840, em *Da Arte dramática no Brasil* e em *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850*, à documentação produzida pelo Legislativo e o Executivo do Segundo Império é possível afirmar, diferente da visão daquele autor, que houve medidas por parte do Governo em relação a questão teatral. A partir da década 1840, o Governo entrou em cena para a regulação da vida teatral do país. Amparado pelos discursos do estado-nação e do progresso rumo à civilização e com o uso de instrumentos de coerção à desordem, impôs regras de conduta à atividade teatral.

Como senhor dos teatros, implantou estabelecimentos cênicos particulares, sem auxílio do tesouro ou benefícios de loterias, a autoridade do chefe de polícia. E para os teatros subsidiados da Corte, além dos procedimentos do Conservatório Dramático, impôs as instruções em nome do imperador. Nesta última medida, a política de subvenção a cargo do Governo aos estabelecimentos teatrais com dificuldades financeiras, após os anos de 1850, foi sendo paulatinamente abandonada.

A partir da década de 1860, houve a proibição definitiva do financiamento da atividade teatral e de outros negócios por meio de loterias (Câmara, 1861), que passaram a ser destinadas, prioritariamente, aos estabelecimentos pios e para a construção e manutenção de igrejas. Seguindo a documentação, é interessante notar que as décadas de 1850 e 1860 registram os maiores volumes de discursos no parlamento em relação ao envolvimento de recursos do tesouro público destinados à atividade teatral. De volta ao Brasil, a partir de 1851 até a sua morte em 1867, Émile Adet foi testemunha dos desabamentos daqueles debates parlamentares relacionados ao teatro.

Entre os anos de 1870 até o final da década de 1880, embora as questões de auxílio financeiro aos teatros e de estímulos à atividade teatral permanecessem vigorosa nos debates promovidos pelos *homens de letras* na imprensa, conforme indica o levantamento de textos realizado por João Roberto Faria, em *Ideias teatrais: o século XIX no Brasil*, na documentação produzida pelo Executivo e pelo Legislativo, no mesmo período, é perceptível que houve uma diminuição paulatina do volume de discussões abordando aqueles pontos.

Cotejando os debates do Legislativo sobre a questão teatral e as discussões da imprensa da Corte, observa-se que foram estabelecidas disputas em torno da questão teatral a partir de 1840. De um lado o Legislativo que, ao longo de 1830, assumira as decisões ligadas ao teatro, principalmente as relacionadas aos subsídios e às loterias e do outro os escritores que defendiam o teatro como instituição civilizadora e acusava o parlamento de promover o teatro como recreio.

À guisa de conclusão, é curioso notar que nas disputas entre os “homens do mundo do governo” (Mattos, 2004: 139) e os *homens de letras* a questão do chamado teatro de gosto popular sempre foi alvo de considerações aproximadas, ambos grupos queriam estabelecer alguma forma de controle em relação a essa produção.

Entre o início do Segundo Reinado (1840) até as vésperas da Proclamação da República (1889), conforme levantamento do Centro Técnico de Artes Cênicas (CTAC), ligado à Fundação Nacional de Artes (Funarte) e ao Ministério da Cultura (MinC), realizado entre 1982 e 2003, aponta para os seguintes espaços teatrais no Rio de Janeiro, excetuando o Theatro São Pedro de Alcântara:

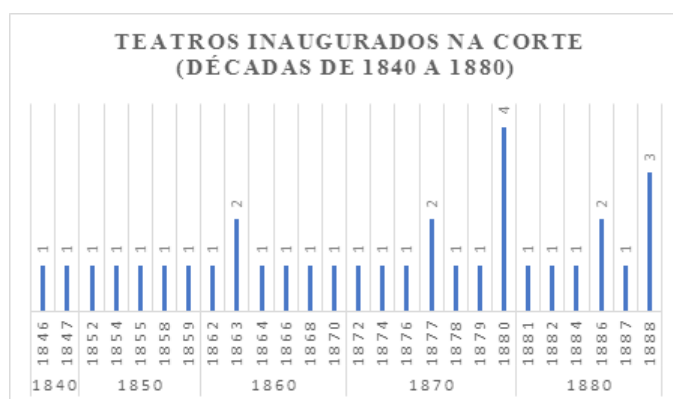
<b>Décadas</b>	<b>Ano</b>	<b>Estabelecimentos teatrais</b>
1840	1846	Theatro São Francisco de Paula
	1847	Theatro Tyvoli
1850	1852	Theatro Provisório
	1854	Lyriceo Fluminense
	1855	Theatro Gymnasio Dramatico
	1858	Pavilhão do Paraizo
	1859	Alcazar Lyrique
	1862	Atheneu Dramático
	1863	Theatro São Januário



1860	1863	Teatro Eldorado
	1864	Theatro Recreio do Commercio
	1866	Theatro Jardim de Flora
	1868	Theatro Phenix Dramatica
	1870	Theatro São Luiz
1870	1872	Theatro Casino Franco-Brésilien
	1874	Theatro Vaudeville
	1876	Theatro Circo
	1877	Theatro D. Izabel
	1877	Theatro de Variétés
	1878	Theatro de Variedades
	1879	Theatro Brazilian Garden
	1880	Theatro Polytheama Fluminense
	1880	Theatro Sant'Anna
	1880	Theatro Lucinda
1880	1880	Theatro Recreio Drammatico
	1881	Theatro Príncipe Imperial
	1882	Theatro Novidades
	1884	Theatro Lucinda
	1886	Theatro Apollo
	1886	Theatro Eden Fluminense
	1887	Theatro Recreio Fluminense
	1888	Theatro de Variedades Dramatica
	1888	Theatro Phenix Dramatica
	1888	Theatro de Variedades Dramáticas

[Tabela: Teatros inaugurados na corte (décadas de 1840 a 1880). Fonte: CTAC]

Traduzindo estes estabelecimentos em números chegamos ao seguinte gráfico:



[Ilustração: Teatros do Centro Histórico do Rio de Janeiro. Fonte: CTAC]

Os dados mostram que mesmo sem um projeto claro estabelecido pelo Governo para a questão teatral e a existência na imprensa de um debate articulado pelos *homens de letras* sobre a decadência do teatro brasileiro, a vida cênica na Corte estava em movimento. Os números mostram um aumento significativo de novos estabelecimentos teatrais principalmente durante as décadas de

1870 e 1880. Infelizmente, o que se sabe a respeito da maioria desses teatros, salvo aqueles que foram objeto de interesse de alguns grupos ou mesmo de medidas oficiais, somam informações que não chegam a compor uma lauda.

Na disputa entre homens do mundo do governo e os *homens de letras*, em torno da questão teatral posta à época do reinado de Pedro II, não se pode falar em vencedor ou perdedor. Nem o governo foi em direção às propostas do grupo que Émile Adet esteve vinculado no Brasil, tampouco conseguiu cumprir as medidas que estabeleceria, a partir dos anos de 1850, sobre a questão. Esses embates colocaram a questão teatral, ao longo daquele reinado, em um longo impasse.

### **Referências Bibliográficas:**

ADET, C. E., [1844]. *Da arte dramática no Brasil*. In: *Revista Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, n.5, vol. 1, p. 154 – 157.

ADET, C. E., [1851]. *L'Empire du Brésil et la société brésilienne en 1850*. In: *Revue des Deux Mondes*, Paris, ano 21, tomo 9º, p. 1080-1105.

CÂMARA, [1861]. Decreto nº 2.874, de 31 de Dezembro de 1861. Coleção de Leis do Império do Brasil – 1861. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2874-31-dezembro-1861-556358-norma-pe.html>>, acesso em 15 jan 18.

CARVALHO, J. M. de., [2012]. *A construção nacional (1830-1889)*. Rio de Janeiro, Objetiva.

CHALHOUB, S., [2012]. *População e sociedade*. In: CARVALHO, J. M. de. *A construção nacional (1830-1890)*. Rio de Janeiro, Objetiva.

DUQUENET, N. B., [2012]. *La Comédie-Française en tournée ou le théâtre des cinq continents (1868 – 2011)*. Paris, Harmattan.

FARIA, J. R., [2001]. *Ideias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva.

HABERMAS, J., [2003]. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

JUNQUEIRA, M. A., [2011]. *Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador*. In: JUNQUEIRA, M. A.; FRANCO, S. M. S. *Cultura e política nas Américas: circulação de ideias e configuração de identidades (século XIX e XX)*. São Paulo, Humanitas. Disponível em <<http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>>, acesso em 15 jan 18.

KERBAUY, A. C. [2008]. *Ilustração Goana e Minerva Brasiliense: a sedimentação do romantismo em Goa e no Brasil*. Tese (Doutorado Letras Clássicas e Vernáculas) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MARKOVITS, R., [2014]. *Civiliser l'Europe: politiques du théâtre français au XVIIIe siècle*. Paris, Fayard.

MATTOS, I. R. de., [2004]. *O tempo saquarema*. São Paulo, Hucitec.

PAULA, J. P. de., [2012]. *O processo econômico*. In: CARVALHO, J. M. de. *A construção nacional (1830-1890)*. Rio de Janeiro, Objetiva.

POTELET, J., [1993]. *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français*. Paris, L' Harmattan.

SCHWARCZ, L. M., [1993]. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo, Cia das Letras.

SILVA, I. F., [1870]. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa, tomo 9º, Imprensa Nacional.

SILVA, L. O., [2001]. *Propaganda e realidade: a imagem do Império do Brasil nas publicações francesas do século XIX*. Revista Theomai, Buenos Aires, n. 3. Disponível em <<http://revista-theomai.unq.edu.ar/numero3/artligiaosorio3.htm>>, acesso em 15 jan 18.

YON, J. C., [2010]. *Histoire culturelle de la France au XIXe siècle*. Paris, Armand Colin.